



## **IMPRENSA E FEMINISMO: UMA ANÁLISE DOS PERIÓDICOS *O JORNAL DAS SENHORAS, NÓS MULHERES E CHANACOMCHANA*<sup>1</sup>**

MENEZES, Kalyne. Doutoranda, UFG, Goiás, Brasil<sup>2</sup>  
REBELO, Fabiane Monteiro. Graduada, UFG, Goiás, Brasil<sup>3</sup>  
VIEIRA, Davi Galvão. Graduando, UFG, Goiás, Brasil<sup>4</sup>  
SILVA, Eduarda Leite. Graduada, UFG, Goiás, Brasil<sup>5</sup>  
SANTOS, Ana Paula Ferreira. Graduada, UFG, Goiás, Brasil<sup>6</sup>

**RESUMO:** O presente artigo discorre sobre a imprensa e o feminismo, realizando uma análise de distintos periódicos inseridos em plurais contextos históricos, sendo eles *O Jornal das Senhoras, Nós Mulheres e ChanacomChana*. A partir disso, pretendeu-se reconhecer a luta pela emancipação feminina por intermédio do exercício da prática jornalística. Para isso, realizou-se um estudo de caso dos jornais, tendo como suporte o levantamento bibliográfico, a pesquisa documental e a análise de conteúdo, concretizando uma apuração qualitativa. Ao final da investigação, é possível concluir a evolução da representatividade e participação feminina nos espaços jornalísticos como fruto da reivindicação de seus direitos nas diferentes ondas do feminismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** História do Jornalismo; Imprensa Feminista; *O Jornal das Senhoras*; jornal *Nós Mulheres*; jornal *ChanacomChana*.

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Este artigo busca analisar de que maneira importantes jornais feministas do Brasil se relacionaram com as três primeiras ondas do feminismo, que correspondem ao período que vai da década de 1850 até os anos 1980. O trabalho, desenvolvido dentro da disciplina de História do Jornalismo do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás, e se propôs a estudar

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT História do Jornalismo do 5º Encontro Regional de História da Mídia – 5º Alcar Centro-Oeste.

<sup>2</sup> Jornalista. Mestra e Doutoranda em Comunicação, Cultura e Cidadania, UFG. Membro dos grupos de pesquisa "Mídia, Imagem e Cidadania" e "História da Comunicação em Goiás", CNPq. Bolsista Capes. E-mail: mskalyne@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: fabiane.rebelo@discente.ufg.br.

<sup>4</sup> Estudante de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: galvao\_vieira@discente.ufg.br.

<sup>5</sup> Estudante de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: leite.eduarda@discente.ufg.br.

<sup>6</sup> Estudante de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: santosana@discente.ufg.br.



três periódicos: *O Jornal das Senhoras*, que exemplifica a primeira onda do feminismo na sociedade brasileira; *Nós Mulheres*, a segunda onda do movimento; e, por fim, *Chanacomchana* que representa a terceira onda.

No século XIX, o movimento que hoje é conhecido como feminismo dava seus primeiros passos. Durante o Primeiro Reinado no Brasil, entre os anos 1827 e 1828, circulou, no Rio de Janeiro, um periódico chamado *Espelho Diamantino*, com foco em literatura, política e defesa da instrução feminina (RAMOS, 2017). Pouco conhecido do público em geral, mas de grande importância para o estudo do feminismo no Brasil por já mostrar as tendências liberais presentes na sociedade, explicitava a insatisfação com a cultura vigente.

Já no começo do século XX, em 1918, uma importante conquista foi alcançada pelas mulheres na Inglaterra e repercutiu no mundo todo, segundo Pinto (2010, p.15) “as Sufragetes, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres e foram presas várias vezes” (PINTO, 2010, p.15). À luz desse movimento, teve início no Brasil na década de 1910 a luta das mulheres pelo voto, essas lideradas pela bióloga Bertha Lutz (PINTO, 2010). Esse direito foi “conquistado” em 1932 após a promulgação do Novo Código Eleitoral Brasileiro durante o Governo Vargas. Após essa conquista, o movimento perde força nos anos 1930 e só será retomado na década de 1960, no qual, segundo Pinto (2010), o livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, encoraja uma nova onda do feminismo.

Segundo Duarte (2016), 143 documentos entre jornais e periódicos feministas circularam no Brasil durante o século XX e tensionaram a sociedade da época, pois divulgavam por todo o país opiniões que iam de encontro ao pensamento machista e retrógrado que colocavam a mulher como sexo frágil e submisso ao homem. Como afirma Duarte (2016, p.98), “[...] a leitura lhes deu consciência do estatuto de exceção que ocupava no universo de mulheres analfabetas, e da condição subalterna a que o sexo estava submetido, possibilitando o surgimento de escritos reflexivos e engajados [...]”. Esse estímulo de consciência que os periódicos proporcionava à classe feminina foi essencial para as lutas que até hoje se travam pelas feministas na busca da equidade entre os gêneros.

Já na segunda metade do século XX, como afirma Pinto (2010), o feminismo e seus escritos ficaram à cargo de mulheres de classe média alta que tiveram acesso a uma educação de qualidade na área de Humanidades, Psicanálise e Crítica Literária. Segundo Ramos (2017),



um periódico que se fez presente na sociedade da época foi *O Jornal das Senhoras* (1852-1855) que dirigido por Joana Paula Manso foi um marco do periodismo feminino por abordar discursos emancipacionistas, de incentivo à instrução e de conscientização do valor da mulher.

Após esse breve contexto, vale ressaltar que o movimento feminista é pedagogicamente dividido em três ondas. A primeira se inicia ainda no século XIX, com enfoque no sufrágio feminino, um bom representante é *O Jornal das Senhoras* (1852-1855); A segunda onda se inicia nos anos 1970, trazendo a luta da mulher em sua transição do privado para o público, com o periódico *Nós Mulheres* como exemplo; a terceira onda começa nos anos 1990, no qual coloca-se em pauta os modelos de lutas estabelecidas nas ondas anteriores, e o periódico *ChanacomChana* é um exemplo dessa onda.

Dessa forma, partimos de uma abordagem qualitativa desses periódicos, utilizando como método o Estudo de Caso, e como instrumentos de coleta, análise e sistematização dos dados escolhemos o levantamento bibliográfico e a pesquisa documental. Utilizamos como *corpus* de estudo os periódicos acessados na Hemeroteca Digital, Fundação Carlos Chagas e Acervo Bajubá, que foram estudados tendo como suporte a Análise de Conteúdo. Para esta pesquisa, utilizamos como base autores tais como Ramos (2017), Aras e Marinho (2012), Pedro (2006) e Creenshaw (1989), que dialogam com o tema Imprensa e Feminismo. Por meio da pesquisa realizada, a conclusão aponta que a história da luta feminista esteve refletida na história da imprensa.

## ***O JORNAL DAS SENHORAS E A EMANCIPAÇÃO MORAL DA MULHER***

Na metade do século XIX, a mulher iniciou sua jornada rumo à emancipação e à conquista dos seus direitos e, no Brasil, essa busca aliou-se ao surgimento da imprensa, sendo que essa se tornou um dos locais de fala da mulher e serviu para trazer novas oportunidades de expressão, além da afirmação da mulher digna de direitos tal qual o homem, como Aras e Marinho (2012) apontam.



Nessa perspectiva, a primeira onda do feminismo começa aqui, e a sua luta é por direitos políticos e democráticos: em primeiro, a proclamação da República e, em segundo, o sufrágio feminino. Entretanto, como Méndez (2007) ressalta, a imprensa mostrou resistência quando se tratava da busca pela emancipação moral da mulher. Uma parte da imprensa brasileira voltada para o feminino no século XIX tinha o objetivo de inserir “discursos pedagógicos no sentido de instigar a produção de condutas femininas” (ARAS; MARINHO, 2012, p. 104), isto é, informar os homens sobre os acontecimentos mundiais, mas quando se tratava da mulher, o objetivo era ensinar modos de agir.

Diante disso, a mulher começou a buscar mais leituras e, conseqüentemente, mais instrução. Dessa forma, os folhetins ganharam fama no mundo feminino; porém, com a popularização desses, eles passaram a ser vistos de forma duvidosa: “ao mesmo tempo em que foram usados para propagar mensagens moralizadoras às mulheres, por meio de histórias edificantes, podiam, por outro lado, [...] corrompê-las.” (ARAS; MARINHO, 2012, p. 112).

Através do contato direto com esses periódicos, a mulher começou a se inserir dentro da imprensa, reivindicando seu lugar dentro de empresas jornalísticas. Nesse sentido, o nome das mulheres estava assinado em artigos dentro desses jornais, extrapolando o seu ambiente usual – o doméstico. Assim, a mulher começou a sua jornada para se libertar dos estereótipos homem/razão e mulher/emoção, como Aras e Marinho (2012) pontuam. Dessa forma, ainda de acordo com as autoras, torna-se perceptível a existência de preocupações com as condições de gênero na sociedade brasileira do século XIX, já que havia uma imprensa dedicada à mulher. Pensando nisso, alguns jornais femininos conseguiram “[...] formas de driblar o pensamento misógino dominante na imprensa brasileira” (MÉNDEZ, 2007, p. 270), sendo o periódico *O Jornal das Senhoras* um deles.

Para analisar esse jornal, escolhemos, no Acervo da Hemeroteca Digital, oito exemplares de forma aleatória entre os anos de sua publicação (1852 a 1855), sendo dois periódicos por ano. Com oito páginas por exemplar e duas colunas por página, o periódico apresenta seções de moda, literatura, teatro e crítica. Suas atividades se iniciaram no início do ano de 1852 por Joana Paula Manso de Noronha e a sua primeira edição será o principal objeto de análise para a identificação dos temas e do escopo do jornal.





Figura 1 - Exemplar da primeira edição do periódico *O Jornal das Senhoras*.



Fonte: Acervo da Hemeroteca Digital.

Já na primeira edição, *O Jornal das Senhoras* expõe seu escopo: “[...] este Jornal dedicado exclusivamente às Senhoras tratará desses direitos e dessa educação, cuja principal tendência é a emancipação moral da Mulher” (O JORNAL DAS SENHORAS, 1852, p. 6). Por meio deste fragmento, é possível notar que o feminismo já estava criando suas raízes e este periódico estaria contribuindo para isso.

Além disso, o periódico reflete sobre o que considera a falta de progresso da nação brasileira: “por ventura a America do Sul, ella só ficará estacionaria nas suas idêas, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade?” (O JORNAL DAS SENHORAS, 1852, p. 1). Ainda, complementa seu posicionamento ao afirmar que o periódico é “redigido [...] por uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem a vontade e o dezejo de propagar a illustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher.” (O JORNAL DAS SENHORAS, 1852, p. 1 ).

É possível perceber que *O Jornal das Senhoras* tem um início bem marcante se pensado dentro de uma sociedade patriarcal como a da época. No entanto, as ideias progressistas diminuiriam ao longo das suas edições, sendo que moda e poesia apareciam mais do que textos que reivindicavam os direitos da mulher brasileira. Fora isso, o escopo do jornal que buscava a educação feminina foi justificado pelo anseio de melhorar ainda mais o papel da mulher no ambiente doméstico.

Apesar disso, “se o objetivo inicial era entreter, orientar comportamentos e, no máximo, dar vazão aos anseios literários femininos, no meio do caminho ela assumiu papel importante



para chamar a atenção da mulher acerca de sua posição social” (ARAS; MARINHO, 2012, p.114). Dessa forma, conforme Kroetz e Gai (2015), o desejo pela emancipação moral da mulher levou periódicos a reivindicar a instrução feminina, como *O Jornal das Senhoras*. Ainda havia o anseio pelo voto feminino, bem como pelo direito de eleger e de ser eleita, que fomentou a tônica feminista desse século e a do seguinte. Contudo, apesar da luta da mulher por seus direitos políticos, a conquista desses veio apenas em 1932, quando o presidente Getúlio Vargas baixou um decreto instituindo o voto feminino.

Dessa forma, *O Jornal das Senhoras* foi um periódico muito importante para dar os primeiros passos ao que se tornaria o feminismo e a sua primeira onda, uma vez que iniciou discussões com ideais progressistas. Além do mais, *O Jornal das Senhoras* (1852, p. 1) expõe a realidade da mulher nessa época e diz que são "insultadas por estes, elogiadas por aqueles, e desconhecidas e menoscabadas por todos!". Diante disso, a mulher, pela visão do século XIX e pelo jornal citado, é tachada de subversiva e maluca (“um bicho de sete cabeças”, como a redatora do periódico diz) ao mesmo passo que caminha e luta por seus direitos. Sendo que, a crítica exposta pelo periódico, em seu primeiro exemplar, é de que a inteligência da escrita feminina é um dom, e "aquilo que Deus dá, os homens não o podem roubar" (O JORNAL DAS SENHORAS, 1852, p. 1).

## **NÓS MULHERES E OS PROTESTOS LITERÁRIOS**

De acordo com Pedro (2006, p.79), o feminismo de segunda onda “surgiu depois da Segunda Guerra Mundial e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado” (PEDRO, 2006). Além desses temas, incitou também as discussões sobre a distinção entre sexo e gênero, diferença salarial entre as figuras masculina e feminina, e a exploração da mulher via maternidade e casamento. Nesse contexto, ficou evidente às mulheres seu papel na sociedade e a opção que assumia em espaços públicos e privados, reconhecimento que acentuou a insatisfação do grupo em relação ao seu estabelecido modo de viver e de se comportar na conjuntura social.

O espaço de manifestação das mulheres contra suas atuais condições de vida era extremamente restrito, e o feminismo das décadas de 1960 e 1970 fez parte do “rompimento definitivo dessa parede que ocultava o privado do público” (SCHMIDT, 2015, p. 294), ou seja,



insistiu em dar voz àqueles que passaram muito tempo calados – as minorias. Por meio da ampliação do poder de fala, a conjuntura feminina pôde expressar-se em relação não apenas no que se diz respeito à objetificação e abusos do corpo da mulher, mas também acerca de temas como a discrepância de salários e as exigências de comportamento, temas abordados no jornal brasileiro *Nós Mulheres*.

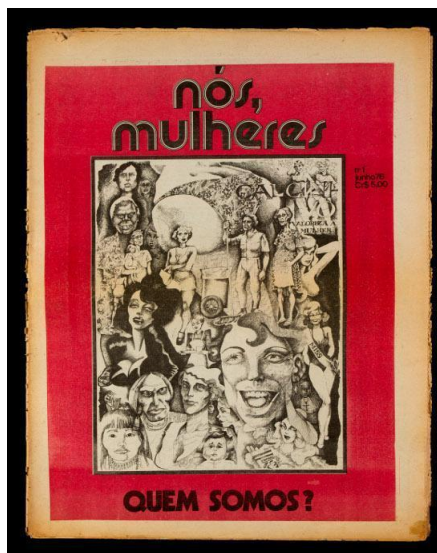
Apesar desse ser cenário extremamente desfavorável à construção de condições mais propícias para a vivência das minorias sociais, ainda se encontram registros de materiais que lutavam para o estabelecimento dos direitos que reverteriam essa situação. O jornal *Nós Mulheres* (Figura 2), publicado pela Associação de Mulheres entre 1976 a 1978, cumpria bem esse papel de informar as mulheres quanto aos seus direitos, sendo um “instrumento de divulgação de assuntos não veiculados na imprensa oficial, expressando o pensamento feminista e político de uma época” (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, s.d.).

A propagação dos periódicos foi realizada durante o regime militar, ambiente completamente hostil para a imprensa brasileira. Na produção jornalística em análise, é possível observar no jornal estudado a inovação em termos de linguagem e de abordagem dos princípios que compunham o escopo do meio veiculador de notícias. Muito rico em análises e exposições de necessidades, o jornal *Nós Mulheres* tem um papel importantíssimo no contexto do regime militar ao lutar pela divulgação dos direitos femininos e desconstruir significados, estereótipos e comportamentos preconceituosos.

Para a análise do jornal *Nós Mulheres* foi observado um dos oito periódicos disponibilizados no site da Fundação Carlos Chagas (FCC). Foi apurada a primeira edição do jornal que, publicada em junho de 1976, foi escolhida como objeto para essa investigação como exemplo para os dizeres de Matos (2010), o qual ressalta que a segunda onda do feminismo floresceu no Brasil no início dos anos de 1970. A investigação do periódico permite a percepção clara das críticas feitas através dos textos. As produções ressaltam temas como a desigualdade salarial, exigências sociais de comportamento, maternidade, críticas à sociedade patriarcal, à dupla jornada de trabalho e também às condições a que as mulheres são expostas nesses ambientes profissionais, com cargos que são “sempre subalternos” (NÓS MULHERES, 1976, p.01).



Figura 2: Exemplar da capa do periódico *Nós Mulheres*



Fonte: Fundação Carlos Chagas

Ao decorrer do periódico são tratados diversos tópicos presentes no editorial da primeira edição. Como exemplo disso, aponta-se o registro de reivindicações como a criação de locais onde “[...] as crianças se alimentem de um jeito certo, tenha higiene, que seja orientada por gente que entenda de criança e ajude elas a crescerem de um jeito sadio [...]”, um local muito além de um “depósito de crianças” (NÓS MULHERES, 1976, p. 03). Essa necessidade surgiu de acordo com a inserção da mulher no mercado de trabalho, visto que mesmo longe de casa, preocupava-se com seus filhos a mercê dos próprios cuidados, sem responsáveis a sua disposição como seria adequado.

### **CHANACOMCHANA E A INTERSECCIONALIDADE**

A fim de contextualizar, segundo Gasparetto (2012), a terceira onda feminista surgiu no contexto histórico da queda do muro de Berlim, do fim da União das Republicas Socialistas Soviéticas (URSS) e da dissolução das ditaduras da América latina, aproximadamente em 1980. Nesse sentido, essa visava “corrigir” as falhas da primeira e da segunda onda, as quais cultivavam o pensamento de que as mulheres eram diferentes e a opressão as unia. Assim, a terceira onda do feminismo objetivava inserir, no discurso feminista, micropolíticas, pensando em questões culturais, sociais, raciais e de sexualidade.





Essa fase do movimento é marcada pela interseccionalidade, conceito primeiramente cunhado por Creenshaw (1989) e que se refere à noção de que “gênero” e “raça” atuam de forma articulada na produção de desigualdades e hierarquias e que, por isso, é preciso pensar na forma particular que as mulheres negras são subordinadas. Dessa forma, fica evidente que essa parte do movimento pensa nas mulheres como seres individuais, de forma que cada uma vive a opressão de um jeito. Assim, a terceira onda do movimento pensa em um contexto de feminismo individual, ao contrário do feminismo da igualdade e, por esse motivo, ficou conhecida como “feminismo das diferenças”, os dois conceitos se diferem no sentido de que:

[...] o primeiro exige que o ideal de cidadania alcançado pelos homens seja estendido às mulheres, de tal forma que a sociedade seja “neutra em termos de gênero”. O segundo [...] defende que as mulheres têm capacidades, talentos, necessidades e preocupações específicas, que devem ser levados em conta [...] a lógica da sociedade patriarcal sustentaria que os dois caminhos seriam incompatíveis porque o patriarcado permite apenas que se opte entre duas alternativas: tornar-se mulher “como homens”, e assim, sujeito de direitos, ou valorizar a especificidade das mulheres, que não confere nenhum valor para torná-las cidadãs (RODRIGUEZ, 2009, p. 122).

Sendo assim, uma das diferenças existentes entre as mulheres, que interfere na forma como elas vivenciam a desigualdade e a hierarquia, é a sexualidade. Assim, seguindo a linha de raciocínio de Creenshaw, surgiu o feminismo lésbico, que buscava acolher as mulheres que queriam discutir a sexualidade delas atrelada ao gênero, visto que as mulheres lésbicas negam o falo em uma sociedade falocêntrica; o modo que elas experienciam a hierarquização e opressão é diferente.

Nessa lógica de opressão, em janeiro de 1981, no contexto da redemocratização brasileira e no pós-ditadura militar - no qual os grupos sociais minoritários finalmente podiam se organizar para reivindicar os seus direitos -, a terceira onda do movimento feminista estava em alta no Brasil e a primeira edição do periódico “Chanacomchana” foi publicada como uma forma de resistência ao machismo e a lesbofobia sofrida dentro e fora da comunidade Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais (LGBT)<sup>7</sup> e dos coletivos feministas. O periódico circulou entre 1978 e 1981 de forma bimensal e sua assinatura custava 61 mil cruzeiros. Fizemos a pré-análise de oito edições do jornal, disponíveis no Acervo Bajubá e dessas, cinco, foram escolhidas, para uma análise mais aprofundada, as edições 0, 3, 4, 8 e 12. As edições do

<sup>7</sup> Apesar de reconhecer que esta sigla não abraça todos os indivíduos que fogem do padrão heteronormativo e cisgênero, optamos pelo uso dessa devido ao contexto histórico.



impresso não tinham um padrão de paginação, algumas edições tinham 18 páginas enquanto outras tinham 34.

Além disso, o jornal era veiculado através do Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF), criado após a separação do movimento lésbico brasileiro do grupo de afirmação Homossexual (SOMOS) - uma vez que essa foi feita porque as lésbicas sofriam, além de machismo, lesbofobia por parte do coletivo, antes de ser veiculado pelo GALF, o periódico contou com a ajuda do grupo SOMOS para realizar suas publicações. Além disso, foi um periódico que representava a interseccionalidade feminista.

A edição 0, publicada em janeiro de 1981, tem apenas quatro páginas, sendo duas dedicadas a uma entrevista com a cantora Angela Ro Ro, em tom informal, a cantora conversa com as jornalistas sobre lesbianidade e feminismo, as outras duas páginas foram dedicadas a dois textos, um escrito pela Maria Carneiro da Cunha intitulado “Quem tem medo de Virgínia Woolf?”, Cunha era feminista e heterossexual, a matéria nasceu de uma carta-resposta enviada por ela a uma amiga, é interessante notar que Cunha, apesar de ser feminista e escrever para o ChanaComChana, não era lésbica. O outro texto da edição é intitulado de: "Exercício de liberdade” e foi escrito por Miriam.

Esse periódico tinha como principal objetivo levar debates para as mulheres lésbicas e criar uma rede de contato e apoio. Com base na análise aprofundada de algumas edições, foi possível perceber que, diversas vezes, o periódico aborda o feminismo, seja chamando para encontros feministas, descrevendo as discussões que ocorreram nesses encontros, ou apenas relacionando a lesbianidade com o feminismo. Na edição número 12, a jornalista identificada como Míriam explica a relação entre o feminismo e o lesbianismo, afirmando que “Ao contrário do que sonha nossa vãimprensa machista, nem toda feminista é lésbica, nem toda lésbica é feminista” e que muitas mulheres ainda temem essa relação porque na sociedade machista e misógina isso implicaria em um “descrédito” pelo trabalho delas.(CHANACOMCHANA, 1987, P.3).

O artigo da jornalista se estende até a página dez da mesma edição, a autora também aborda nesse texto, a necessidade de construção de um feminismo próprio para as lésbicas, pensando no interesse dessas mulheres. Além disso, Miriam explica que, apesar da tendência que a sociedade tem de colocar gays e lésbicas como iguais, é preciso que as mulheres se unam



para defender os interesses delas, pois a libertação das lésbicas passa necessariamente pela libertação de todas as mulheres, já o fim do preconceito contra homens homossexuais não segue esse mesmo raciocínio.

Em sua quarta edição, o periódico aborda detalhadamente tudo o que aconteceu no levante do Ferro's Bar, evento foi muito importante para a história LGBT no Brasil no qual as integrantes do GALF que já vendiam o jornal Chanacomchana no bar para mulheres lésbicas que frequentavam o estabelecimento tiveram a venda proibida pelo dono do local. O interessante é que este mesmo dono fechava os olhos para a venda de drogas ilícitas no Ferro's Bar. Diante do ocorrido, no dia 19 de agosto de 1983, as militantes resolveram protestar contra a censura, apoiadas por outros grupos LGBT, feministas e até mesmo figuras políticas como Eduardo Suplicy. Na ocasião elas leram o manifesto contra a repressão e a favor dos direitos das mulheres lésbicas. Em virtude desse levante, o dia 19 de agosto é conhecido como o dia nacional do orgulho lésbico.

Figura 3: Exemplar da quarta edição do periódico ChanacomChana.



Fonte: Acervo Bajubá

Ainda na quarta edição, o periódico de 19 páginas, traz poesia - na seção “fazendo poesia”-, charge, um texto que fala de autonomia partidária assinado por Rosely, um aviso que dizia que as leitoras poderiam divulgar os seus times de futebol no jornal, depoimento de



Elisete, mulher militante pelo GALF, um texto relacionando o movimento feminista com a saúde das mulheres lésbicas, cartas de leitora, dentre outros textos informativos. Além disso, durante essa edição, ao longo de suas páginas o periódico traz, impresso, símbolos de resistência lésbica, como o machado de Labrys e o signo de mulher entrelaçado, sendo o último visto na capa de todas as edições analisadas, com exceção da 0 e da 12.

Por fim, o periódico Chanacomchana foi de suma importância tanto para o movimento LGBT no Brasil, quanto para o movimento feminista, levando informação e discussões importantes para as lésbicas brasileiras, visto que o periódico foi capaz de estabelecer debates sobre raça, gênero e sexualidade com as suas leitoras, através de poemas, charges, descrições de eventos e notícias de acontecimentos nacionais. Ao lembrar do Chanacomchana, não podemos esquecer que eram mulheres assumidamente lésbicas em um contexto onde o Brasil ainda era muito conservador e preconceituoso, reivindicando direitos e estabelecendo debates que são atuais e pautados até os dias de hoje e, de fato, o periódico ajudava essas mulheres a serem vistas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo dos materiais de análise presentes nesse artigo, nota-se que a luta pela emancipação feminina esteve refletida na imprensa, mesmo que de forma sutil, em primeiro momento, apresentando posturas, por vezes, contraditórias que, enquanto reforçava o *status quo* de subalternização feminina, indicavam, em alguns momentos, uma cobrança por seus direitos. E da mesma forma com a qual o feminismo passou por suas fases até se consolidar da maneira que é na contemporaneidade, as abordagens dele na mídia também foram evoluindo de acordo com o movimento em si. Desde as discretas sugestões para um ensino de qualidade para mulheres, até críticas profundas quanto ao feminismo lésbico e a uma exploração maior do conceito de interseccionalidade para abranger mulheres que sofrem, além da pressão de gênero, opressão de raça, classe, sexualidade e outros, tudo isso dentro da própria luta feminista, com a imprensa sempre se fazendo presente e servindo como um meio para propagar os ideais feministas pelo Brasil e pelo mundo.

Embora parte dos jornais analisados não tenham assumido uma postura completamente desafiadoras ao sistema, e por vezes tenham sido tolerantes com a situação de opressão





feminina, como o *Jornal das Senhoras*, não é cabível a nós desmerecer os esforços e fagulhas de feminismo nele presentes, pois foram o alicerce de uma imprensa libertadora para as mulheres em seu tempo histórico, abrindo caminho para seus sucessores, *Nós Mulheres* e *Chanacomchana*, cada qual se adaptando às mudanças do movimento na modernidade.

Esse processo de dar uma voz pública a um movimento que, por sua própria definição, luta contra o status quo, é de uma importância social enorme, ainda que grande parte da sociedade tenha se posicionado contra tamanha publicidade e tenha visto com maus olhos tais reivindicações e as mudanças exigidas até mesmo nas mídias impressas, como se as eventuais problemáticas que a luta feminista revelasse fossem de autoria das mulheres, e não o contrário.

No entanto, é justamente esse ato de trazer à tona as mazelas sofridas por grupos marginalizados que funciona como o motor para que a própria humanidade possa se desenvolver e garantir que erros como os do passado não se cometam, e que as injustiças do hoje não se tornem as notícias do amanhã.

## REFERÊNCIAS

ARAS, Lina M. Brandão; MARINHO, Simone Ramos. **A imprensa feminina: normatização da conduta feminina nos jornais para mulheres (Bahia, 1860-1917).** *Historiæ*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 96–115, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2591>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BAJUBÁ, Acervo. Bajubá, **Memória LGBT**. Disponível em: <<http://acervobajuba.com.br/>>. Acesso em: 01 Dec. 2020.

DIGITAL BRASIL. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 29 out. 2020.

DUARTE, C. L. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: nos primórdios da emancipação.** *Revista XIX*, v. 1, n. 4, p. 95-105, 29 nov. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/article/view/21741/20054>>. Acesso em: 02 Dez. 2020

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, Fcc.org.br. Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/nosmulheres/>>. Acesso em: 2 Dec. 2020.

GASPARETTO, Antonio. **Terceira Onda Feminista**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/terceira-onda-feminista/>>. Acesso em: 15 Feb. 2021.



MATOS, Marlise. **Movimento e Teoria Feminista:** é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global? Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31628/20162>>. Acesso em 02. Dec. 2020

MÉNDEZ, Natalia Pietra. **Feminismo, imprensa e poder no Brasil contemporâneo.** MÉTIS: história & cultura – v. 6, n. 12, p. 269-288, jul./dez. 2007 Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/848/604>>. Acesso em: 02 de Dez de 2020.

PEDRO, Joana Maria. **Narrativas fundadoras do feminismo:** poderes e conflitos (1970-1978). Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882006000200011&lang=pt#nt01](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882006000200011&lang=pt#nt01)>. Acesso em 02. Dec. 2002.

PINTO, Célia. **Feminismo, História e Poder.** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Acesso: 29 Nov. 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31624>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

RAMOS, Paula da Silva. DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil:** século XIX – dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016 – Paula da Silva RAMOS – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho UNESP/Assis. História, Franca , v. 36, e17, 2017. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742017000100603&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742017000100603&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 Nov. 2020.

SCHMIDT, Simone Pereira. "O Feminismo, ainda", p. 291-304. In: Freitag, Raquel Meister Ko.; Severo, Cristine Gorski (Org). **Mulheres, Linguagem e Poder** - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015.

\_\_\_\_\_. O feminismo nas páginas dos jornais: revisitando o Brasil dos anos 70 aos 90. **Revista Estudos Feministas**, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11921>>. Acesso em: 03 nov. 2020.